
Crónica de um Nascimento Anunciado Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde — APDIS

LUCÍLIA PAIVA • MARIA AMÉLIA HUNGRIA • MARIA JUSTINA IMPERATORI
ANTÓNIA PEREIRA DA SILVA • MARIA DO ROSÁRIO LEITÃO

Direcção da APDIS

*No hay caminos
Hay que caminar*

GTIS ou a pré-história

*De relação esporádica a coope-
ração organizada*

A COLABORAÇÃO entre serviços de documentação de saúde em Portugal foi, até 1987 e com raras excepções, esporádica e baseada em relações pessoais.

A consciência dos custos técnicos, financeiros e humanos desta situação levou, depois de duas tentativas sem continuidade, um pequeno grupo de profissionais a promover nos finais de 1986, no âmbito da Associação Portuguesa de Bibliotecários e Documentalistas — BAD, uma reunião em que estiveram presentes vinte colegas.

O processo de reflexão e de trabalho iniciado com esta reunião

levou à constituição do Grupo de Trabalho de Informação de Saúde — GTIS.

Quatro anos de actividade

Formado, já nesse ano, por aproximadamente cinquenta profissionais do sector, pode dizer-se que, no final de 1990, quando foi extinto, profissionais de quase todos os centros de documentação e bibliotecas de saúde (CD/B) do país tinham, de uma forma ou de outra, participado nas suas actividades, entre as quais salientamos:

- preparação, em língua portuguesa, de parte de uma lista de descritores na área da saúde e

participação no «Projecto CLIP»¹;

- publicação do «Reportório das Bibliotecas e Serviços de Informação de Saúde»;
- publicação da «Lista de Publicações Periódicas existentes em Bibliotecas e Serviços de Documentação da Área de Saúde em Portugal», editada pela BAD e que engloba 136 organismos da área, sendo assim o único sector técnico/científico nacional que possui «catálogo colectivo» próprio;
- criação de condições de compatibilidade indispensáveis para a cooperação entre bibliotecas, de que se destacam a adopção de um programa informático² e de uma mesma linguagem documental³.

A passagem

Os objectivos e as actividades do GTIS tomaram proporções incompatíveis com a sua estrutura orgânica: simples grupo de trabalho de uma Associação de âmbito muito vasto.

Por um lado, a concretização das decisões obrigavam a uma independência e pressupunham apoios logísticos inexistentes; por outro, a afirmação da importância do nosso trabalho junto das organizações, fundamental para conseguir as mudanças necessárias, obrigava à criação de uma «imagem de marca»

autónoma e claramente associada à saúde.

Foi-se sabendo que havia que mudar.

A História e o Espírito

Uma longa e prudente reflexão sobre as vantagens e inconvenientes da estrutura GTIS na BAD, bem como as eventuais alternativas, desembocou no nascimento oficial da APDIS em Fevereiro deste ano e, em Março, na aprovação do plano de trabalho para o triénio 1991-93 e na eleição dos órgãos sociais responsáveis pela criação de condições para a sua concretização.

Os fins

Em coerência com o nosso passado, a APDIS tem como objecto a «documentação e informação de saúde»⁴ e não os profissionais da área.

Até porque os profissionais dos CD/B de saúde não têm, enquanto tal, problemas distintos dos seus colegas de outros sectores sendo a BAD ou os sindicatos as sedes próprias para a análise e resolução destes problemas.

Os associados

Desta constatação e da realidade dos serviços do sector deduzimos os perfis dos possíveis associados, des-

tacando as características que nos parecem mais significativas do espírito da APDIS.

Assim, podem ser associados:

- *Todos os profissionais* que trabalhem em CD/B de saúde, independentemente do seu grau de instrução, preparação específica ou funções
- *Os profissionais que deixaram de trabalhar* em CD/B (mas não elegem nem são elegíveis para os órgãos sociais), aproveitando-se, assim, a sua experiência e, por vezes, maior disponibilidade
- *Os utilizadores* (e aqui residirá a maior «originalidade»), procurando-se, neste caso, estabelecer, de forma orgânica, uma relação permanente e dinâmica entre oferta e procura, de longe mais promissora de adequação de resultados do que o diálogo «exterior» com os que são a única razão do nosso trabalho. Mas, para que a APDIS não venha a converter-se em Associação de utilizadores (que será útil mas não cobre os nossos objectivos), estes associados, podendo (devendo!) participar em grupos de trabalho e Assembleias Gerais, não podem votar nem ser votados para os órgãos sociais.
- *As entidades* (públicas e privadas) que de qualquer modo possam contribuir para os ob-

jectivos da Associação desde que, *na nossa área, não prossigam fins lucrativos*. Isto para não passarmos a ser campo de concorrências, manipulações, publicidades (como vimos em associação internacional do nosso sector), com todos os enfiamentos de princípios e resultados daí decorrentes.

A organização e a relação

A reflexão sobre as características culturais portuguesas, a realidade das nossas instituições e a experiência de três anos de GTIS levaram-nos a optar decididamente por um tipo organizativo e relacional assente, como é óbvio, em voluntariado, mas organizado e responsabilizado (grupos de trabalho que definem os seus programas e respectivos cronogramas e organização interna, tendo de dar contas periodicamente do cumprimento dos mesmos); em relações internas em que se privilegia a reflexão técnica e estratégica e não a hierarquia, o que leva a que a Direcção seja entendida, sobretudo, como dinamizadora de grupos de trabalho e actividades, e provocadora de reflexão e formação, evitando o erro, cometido em dada fase do GTIS, de se substituir a grupos de trabalho com problemas de funcionamento (levando assim à incongruência de nem fazer bem feito nem dinamizar com jeito — «Olívia patroa e Olívia cos-

tureira sempre deu mau resultado», lembra, a propósito, uma das associadas).

E tudo isto num modelo aberto: para além da relação dos utilizadores (associados ou não e as suas organizações sócio-profissionais), privilegiamos a colaboração com associações congéneres nacionais — a BAD (donde nascemos...) e a INCITE, porque acreditamos que a rivalidade é letal e a cooperação potencia os resultados de cada uma, efeito de que o país carece com a maior urgência.

O futuro em começo

Como qualquer, pessoa ou organização, somos herdeiros de história e, neste caso, a nossa herança é o GTIS. Assim, as orientações fundamentais e programa de actuação para 1991-93 são o reflexo, bastante evidente (até quando por rejeição), do trabalho com ele iniciado.

Dos objectivos que nos propomos, realçamos dois: desenvolvimento dos CD/B, mas na perspectiva de *rede nacional*, e a *cooperação* com organizações nacionais e estrangeiras afins.

Das actividades que concretizarão estes dois objectivos, e para não tornar muito fastidiosa a lista, só referiremos quatro áreas de intervenção:

- *instrumentos de trabalho*, com a revisão e actualização dos cita-

dos Reportório dos serviços de documentação e Lista de publicações periódicas (actividades já em curso nos respectivos Grupos de Trabalho);

- *cooperação interbibliotecas*, com o estudo de processos realistas de empréstimo e fornecimento de fotocópias de documentos e fomento de protocolos entre organismos, de modo a assegurar a eficácia e continuidade dos processos;
- *formação dos profissionais* com o estudo de modelos de formação básica e em serviço, integrando as vertentes documentação, saúde e informática;
- *cooperação com outros organismos*, com destaque para a BAD e a INCITE, no plano nacional, através de, entre outros aspectos, o debate de questões técnicas que a concretização do nosso programa suscita (e a formação dos profissionais não é das menos relevantes); no plano internacional, com a realização da I Jornadas Luso-Espanholas de Documentação e Informação de Saúde a realizar em Lisboa em 1992.

Por vezes (demais) chora-se Portugal como «Jardim dos pequeninos» em que alguns gostam (gostarão?) de rever-se. Só que esse olhar oblíquo foge do óbvio: com *objectivos claros*, *persistência* e em *colaboração* e

solidariedade com outros, a realidade transforma-se. É um processo de transformação, com os seus riscos, conflitos e lentidões, se assumido como projecto que ultrapassa cada um, é capaz de levar mais longe que passeio choroso em hipotético jardim de pequeninos.

E como, apesar do pouco engenho, só pretendemos contar uma história que seja estímulo e nunca «conto exemplar» (porque lições, nem a nós próprios!) acabamos como começámos: «No hay caminos, hay que caminar».

Notas

¹ Projecto da Biblioteca Nacional que tem como objectivo compatibilizar as linguagens documentais especializadas.

² Mini-Micro CDS-ISIS PORBASE, da Biblioteca Nacional.

³ Thesaurus da BIREME — Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde — Organização Pan-Americana de Saúde, único thesaurus de saúde em português.

⁴ «A APDIS tem por fim o desenvolvimento da documentação e informação de saúde no país e a sua articulação com sistemas ou redes nacionais e internacionais, contribuindo deste modo para a investigação, formação de pessoal e desenvolvimento de cuidados de saúde em Portugal». Estatutos da APDIS, cap. 1, art.º II.

1. Introdução

Os objectivos que presidiram e nortearam o início da informatização da Biblioteca Nacional continuam, cinco anos depois, absolutamente válidos. Tão presentes que alguns deles se encontram em plena fase de

implantação embora, com o decorrer do tempo e alertados pela prática, se tenha reajustado alguns objectivos à realidade das bibliotecas portuguesas. Aliás, todo o processo nasceu de um conhecimento da situação dramática em que vivem as bibliotecas portuguesas — especialmente as universitárias e as municipais — e entre elas, sem excepção, a Biblioteca Nacional.

As bibliotecas portuguesas estão mal apetrechadas tanto do ponto de vista da actualidade e volume dos fundos bibliográficos, como do